

OCCIDENTE

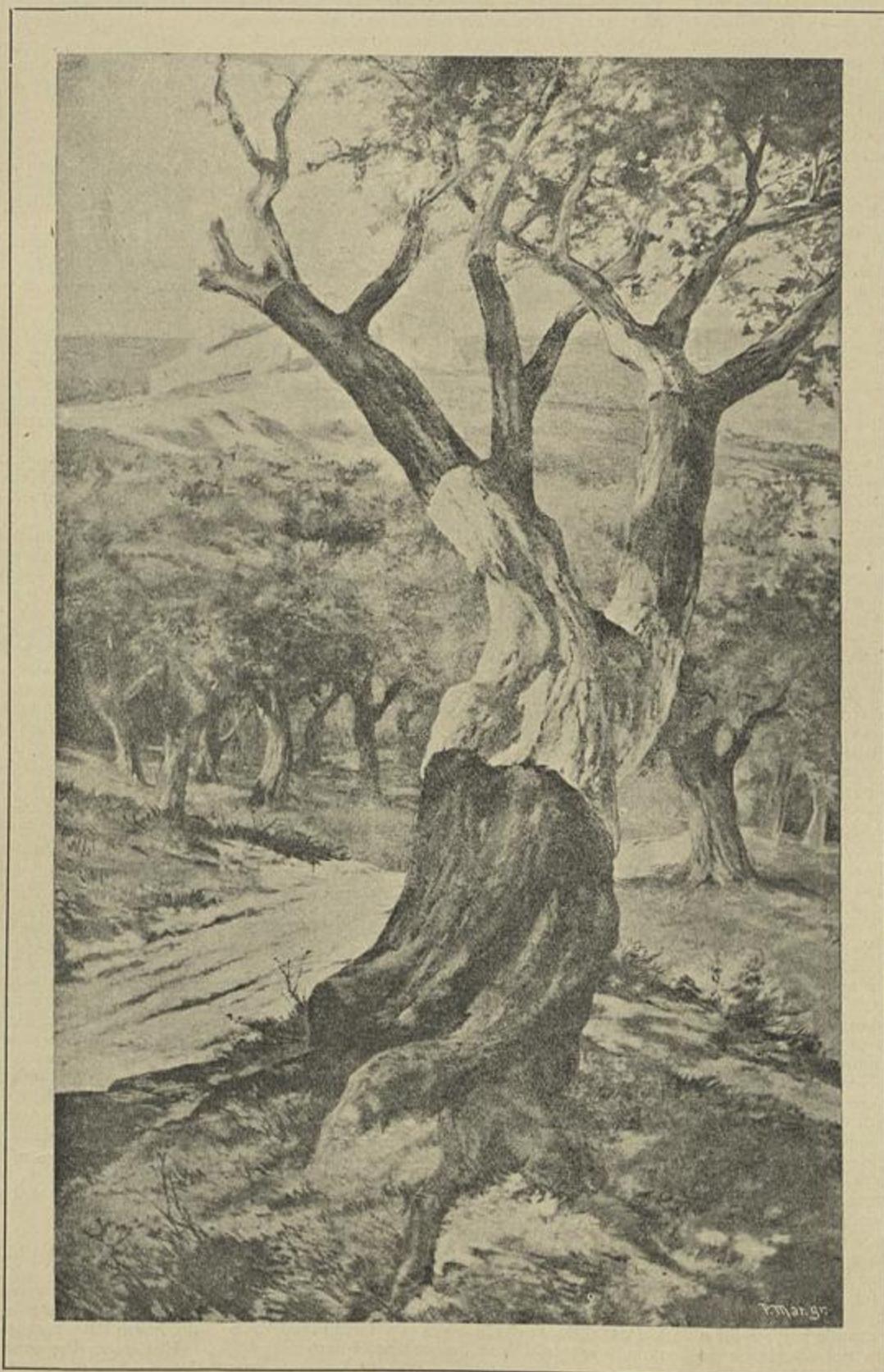
REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

XXVIII Volume

30 de Abril de 1905

N.º 948

Quinta Exposição da Sociedade Nacional de Bellas Artes



PAISAGEM DO ALEMTEJO. — DESENHO A PASTEL DE S. M. ET. REI D. CARLOS
Vidê artigo «Quinta Exposição da Sociedade Nacional de Bellas Artes», paginas 82 e 86 do numero antecedente

Chronica Occidental

Ainda agora a procissão vai na praça. Não creio que tenha tantos devotos como a da Senhora da Saude, ainda ha bem poucos dias passeada em um andor pelas ruas principaes de Lisboa, mas maior concorrência de curiosos atrae decerto.

Ainda agora a procissão vai na praça: não é facil de prever o que succederá por estes mezes em que devem as camaras conservar-se abertas. Agoi-mentos opposicionistas dizem que o sr. José Luciano de Castro não se manterá até o fim, por muito boa vontade occulta que tenha de aguentar a opposição regeneradora. O certo é que, logo na sua entrada na camara dos deputados, o sr. presidente do conselho foi violentamente atacado por todos os oradores do partido contrario, embora nesse ataque se misturassem os parabens pelas suas melhoras.

A solução da crise, que mereceu reparos a regeneradores e regeneradores-liberaes, parece não ter sido tambem do agrado de muitos progressistas, e diz-se até haver contrariado alguns dos actuaes ministros, que nem sempre estarão de intimo accordo com o seu presidente. A' bocca pequena uns, sem papas na lingua outros, muitos censuram o sr. José Luciano por haver collocado de sentinella ao ministerio do reino o sr. Eduardo José Coelho e de haver entregado a pasta das obras publicas ao sr. D. João de Alarcão com promessa, diz-se, de breve subida de posto.

Mais satisfeito que todos deve mostrar-se o sr. Pereira de Miranda, que póde agora tranquillamente tratar da sua saude abalada, livre das discussões a que veio dar logar a apresentação nas camaras do famoso contracto com a companhia dos Tabacos, agora conhecido em todas as suas clausulas. Se já o Carmo e a Trindade vinham abaixo, apenas com supposições e boatos, o que não vai ser agora, desfiado o contracto artigo por artigo, linha por linha, cada palavra e cada virgula!

Não teriam as opposições gasto de mais a sua polvora antes de tempo e cançado demasiadamente a opinião? Talvez. Discutir de mais é ás vezes contraproducente; abusar dos argumentos enfraquece-os, e acontece ás vezes que um argumento fraco põe de sobre aviso contra a logica dos mais. Ia então a procissão a sair da igreja, e todos esses morteiros, com raras excepções, tinham muito pouco de festivos. Tomaria ou não parte no cortejo o sr. José Luciano? Era a pergunta que todos faziam. Pois ahí o teem agora, e segurando uma das varas do pallio.

A crise e a sua solução e o contracto dos tabacos trouxeram á politica nacional uma animação desusada, apaixonando na discussão até os que mais indifferentes costumam revelar-se na politica. A curiosidade não é apenas pelo que se passa do panno para fóra, é sobretudo pelo que misteriosamente se conta do que vai por bastidores. Interesses e curiosidade teem um pé na sala de espectaculos e outro no palco; muitos dos que applaudem cá fóra pateiam lá dentro, e alguns haverá talvez que procedam ao contrario.

O sr. Eduardo José Coelho, que de ministro das obras publicas passou para o reino, milita ha muito no partido progressista. Por mais d'uma vez foi ministro e já exerceu o logar de presidente na camara dos deputados. Fazendo o elogio do seu collega e relembrando os serviços prestados em elevadas funcções, disse o sr. José Luciano na camara que as sobejas provas já dadas de competencia, asseguram o honroso desempenho do novo logar.

O sr. D. João de Alarcão é ministro agora pela primeira vez, mas não é um nome desconhecido na politica. Par do reino, antigo funcionario publico, foi governador civil na Guarda, no Funchal, e, por mais d'uma vez, em Lisboa, assignalando a sua passagem pelo governo civil com alguns actos, que chamaram sobre o distincto governador as maiores sympathias. Humildes e pobresinhos tiveram sempre n'elle o mais desvelado protector. Trabalhador intelligente, amigo dos mais dedicados do sr. José Luciano, mereceu-lhe justamente a prova de confiança que lhe foi dada.

Mas, só mais tarde, quando a procissão fôr recolhendo do seu giro, é que se ha de ver até que ponto o sr. José Luciano foi amigo dos seus amigos.

Teve este ministerio uma grande sorte e foi o de coincidir a sua passagem pelas cadeiras do poder com um tempo de vacas gordas, melhoria de cambio aqui e no Brazil, e uma primavera esplendida depois d'uma chuva d'ouro. Andam satisfeitos os financeiros, os negociantes e os lavra-

dores; os corações expandem-se e os figados andam calados. Calculem o que seria se a bilis se espalhasse e se se apertassem os corações, se as libras não estivessem apenas a trezentos e pico e se estivessem perdidos os favaes do Ribatejo.

Estas discussões, que por ahí, a cada esquina, em cada sala, a cada mesa de café ou de hotel, forçosamente se estabelecem, valem á monotonia de Lisboa, que sem a politica, depois que lhe annunciaram o adiamento para o inverno da visita que lhe haviam promettido os societarios do theatro francez, se veria reduzida ás pobresinhas distracções d'um verão vindo este anno mais cedo que o costume.

Uma ou outra desgraça, um ou outro attentado de ladrões mais audaciosos, pouco ou quasi nada a teem commovido. Pois o roubo tentado no comboio do Porto contra as caixas contendo o dinheiro das estações, é d'estes que nos fazem suppór por instantes estarmos fóra das nossas antigas fronteiras, onde parecia commandar a mais santa pacatez. A audacia e a crueldade do ladrão, o modo por que fugiu, e, com certeza muito ferido, se soube esconder, são como toques de clarim a chamar a attenção para qualquer attentado mais grave que possa dar-se, não se vá seriamente desde já ao pélo dos criminosos, como elles justamente o merecem.

Quem viaja precisa de fazel-o com toda a segurança, e casos d'estes, a repetirem-se, podem até prejudicar o movimento sempre crescente dos passageiros.

As viagens baratas vêmol-as constantemente annunciadas, com grande commodidade dos viajantes e lucros das companhias. O preço dos bilhetes de ida e volta em primeira classe para os que quizerem ir a Madrid assistir aos festejos do centenario do *D. Quichote* é apenas de onze mil réis. Por muito pouco dinheiro, em viagem muito bem organisaada, irão os peregrinos a Roma por Barcellona e Marselha, e voltarão, incluindo-se no preço da viagem hotéis, comidas e transportes que forem precisos.

E' necessario pois que a falta de policia nas linhas não venha esfriar esta animação que não deu pouco trabalho, visto que os portuguezes não são dos que mais se prestam a deixar o seu cantinho.

Em viagem muito alegre andam agora os estudantes portuguezes, aproveitando as ferias da Paschoa, uns por Hespanha, outros pelo Algarve, outros pelas provincias da Beira. Onde chegam, vem com elles a alegria, tocam, representam, acclamam pelas ruas as senhoras. Foi um anno feliz este, cheio de feriados. Pois a alguns parece que lhes soube a pouco, porque ainda pediam mais.

O feriado!... Se são rapazes e se dentro das aulas quasi não ha sol, e se o latim, a mathematica, a philosophia são tão pouco de conceder azas a quem precisa voar pelo azul, sonhar amores, beber perfumes!... O feriado!... Se até os velhos, em dias de gala, apanhando a repartição fechada, não se lhes dá d'um bocadinho de sol, d'um aromasito de violetas em jardins onde passeiem, ou de alfazema nas hortas onde bebem uma golada de vinho, sangue dos velhos!

As ferias estão por minutos. Agora é voltar ao trabalho, á anciedade, aos livros, nas horas de calor que já vai apertando.

Já Lisboa muda de aspecto. Assim que no theatro de D. Maria e no theatro Taborda da Costa do Castello se effectuarem as representações annunciadas por amadores distinctos, da primeira sociedade de Lisboa, o inverno dos elegantes, e já não é cedo, marcará o ponto final. Já nas estações do caminho de ferro tocam as sinetas de partida.

Só a procissão politica continuará no seu giro, e vá Deus com ella é o que lhe desejamos.

João da Camara.

Ubi vis comedere Pascha?

(ONDE QUERES COMER A PASCHOA?)

Paschoa — passagem.

1.ª PASCHOA.

Passa da vontade de Deus Creador para o mundo material Adão, o primeiro homem.

E' no paraizo terreal. Córros de todas as aves Canóras... Um jardim de delicias... Florea primavera sem par...

O Eden!

O Gion, o Euphrates, o Tygre dôcemente murmuram o canto das aguas, saudando o seu rei...
Veste a Natureza as suas mais formosas gallas...
Todo Eden entoa o hymno d'amor ao seu rei querido...

3.ª PASCHOA.

Um tristissimo casal de seres humanos *passa*,
frontes escondidas nas mãos enciavinhadas, *passa*
as additos do Eden...! e acha-se só na immensa
planicie árida...!

Queima-lhe os corações a cruciante saudade do
indizível bem perdido para sempre!...

Paschoa de prantos! Paschoa de dôres!!

3.ª PASCHOA.

Um dilúvio de iniquidades provoca um dilúvio
de agoas castigadoras...!

Passa a unica familia de bons para a Arca Sal-
vadóra.

Abrem-se as catarátas do ceu: a terra é uma
mortalha d'aguas sobre o tumolo de quasi todos
os seus séres...

Passa a tormenta. Uma aurora de perdão, dul-
cissima, irrompe da ultima caligem d'esse tempo-
ral sem par.

Uma pomba, symbolo da innocencia traz um
ramo d'oliveira, symbolo da paz.

Sobre o cúme do Ararath poisa a Arca Santa...

4.ª PASCHOA.

A Santa familia d'onde havia de vir a continua-
ção do humano genero, *passa* da Arca para a terra
já pelos ventos dos ceus aparelhada para a con-
tinuação da vida...

E' a Paschoa de Noé.

Hymnos dos Anjos que trazem de novo as ben-
ções de Deus, a paz do ceu com a terra.

5.ª PASCHOA.

Patriarchalmente a humanidade eleita d'êde
Noé a Abrahão e Jacob, expande-se laboriosa e
simples pelas paragens da primavera constante...
Pelas demais partes da terra os filhos de Japhet
e de Cam, multiplicacissimos, expandiam-se, lu-
ctavam, viviam com varia sorte...

Uma grande Offensa acarretára um novo casti-
go á raça eleita. Sobreviéra a escravidão no
Egypto...

Alfim Israel em pêso cóme, de pé, aparelhado
para a marcha tryumphal para os campos da
abundancia que eram tambem os da liberdade,
— cóme o cordeiro paschal.

Passa o povo de Deus indemne dos mil perig-
os, d'êde os ataques pharahonicos até o Mar
Vermelho; desde o Mar Vermelho até á aridez
do dezerto faminto e sedento; d'êde o dezerto
até ás terras onde manáva o mel e a riqueza.

Mas eram fortes e bellicosas essas terras...!

Abatem-se porem as muralhas inconquistaveis,
desfazem-se exercitos temeróros...!

Passa alfim o povo eleito para a posse da Terra
da Promissão.

6.ª PASCHOA.

As predictas Paschoas foram não mais do que
um symbolismo da que havia de concretizar n'ella
tódas as outras, sendo assim a da *passagem* da
humanidade para o seu definitivo modo de ser
até á consummação dos seculos...

A esta por que foi a ultima demão do Di-
vino Artista e Artifice na sua melhor obra, quiz Este
perfasel-a pessoalmente, totalmente.

Para isso encarnou; fez-se homem como se
deve ser homem, d'êde um Presépio de pobris-
simas palhas até um Galvário de horridos tor-
mentos! *Pertransivit docendo et benefaciendo.*

Depois de ter ensináo á humanidade o cami-
nho da mais brilhante resurreição; depois de lhe
ter dádo os mais efficazes meios para tão gran-
dioso como almejado fim, morreu d'amor por ella.

Porem para pôr o cunho divino n'esta divina
obra de resurreição, ressussitou Elle proprio.

Passou da morte á vida.

E agora a humanidade, que como elle terá
sempre de viver na lucta para morrer apóz, conta
de, como Elle, ressussitar tambem.

E a quem lhe perguntar, como os apóstolos a
Jesus — *ubi vis comedere Pascham*, responderá,
confiada n'Elle:

— No Ceu.

Franciscano.

Depois de Waterloo — Na Ilha d'Aix

(Para Manuel de Macedo)

I

Na extremidade da pequena povoação que se agrupa na ilha d'Aix, uma casa d'apparencia modestissima, de cuja varanda se avista o mar illimitado, ostenta uma placa onde altiva aguia d'azas estendidas chama a attenção do mais descuidado *touriste*. A aguia encima a seguinte inscripção:

A LA MEMOIRE
DENOTRE IMMORTEL IMPEREUR NAPOLEON I.^{er}
15 JUILLET 1815TOUT FUT SUBLIME EN LUI: SA GLOIRE, SES REVERS,
ET SON NOM VÉNERÉ PLANE SUR L'UNIVERS.

Nesse pequeno ponto do territorio francez, rochedo erigido de canhões que defendem a embocadura da Charente, passou Napoleão os ultimos dias que viveu na França. Tendo chegado em 3 de julho a Rochefort embarcou no dia 8 em Fouras com direcção á ilha d'Aix onde, após uma dura e perigosa travessia, desembarcou na manhã do dia seguinte aclamado e victoriado por toda a população da ilha que lhe gritava — Não partaes! Não partaes!

O vencido de Waterloo perdera porem a confiança no seu destino, e na madrugada de 15 deixava a ilha d'Aix embarcando no *Épervier*, donde passou para o *Bellérophon*, collocando-se voluntariamente á disposição da Inglaterra.

Esta passagem melancolica do grande conquistador tornou a pequena ilha armada um dos mais notaveis logares historicos da França.

Cercada pelo Atlantico, era já considerada pelos Normandos um ponto strategico, foi depois occupada por monges benedictinos, a sua situação fel-a porem voltar ao primitivo destino de ponto militar importante. Uma guarnição é ali incessantemente renovada para exercicios de tiro nos fortes e baterias da ilha, as frotas manobram nas aguas da encantadora bahia, seguro abrigo para as tempestades. Ao extremo sul avistam-se os grandes couraçados da esquadra de Rochefort, formidaveis vasos de guerra fazem evoluções, balancam-se os pontões, casernas moventes onde aquartellam 200 homens occupados em collocar e vigiar as linhas de torpedos, e nas marés altas um vaevem incessante de canhoneiras, torpedeiros e escaleres embandeirados, cruzando-se com as velas brancas ou multicolores dos barcos de pesca, animam d'intensa vida este pedaço de mar.

Dois grandes fortes isolados protegem a bahia; o forte Bayard elevado sobre estacas, e o forte Enet n'um ilhéu arenoso que as marés baixas ligam á terra.

A memoria de Napoleão enche a ilha. O ultimo acto passado em França d'esse drama extraordinario que emocionou o mundo, ali desenvolveu o seu scenario. Sobre uma mesa na humilde casita do extremo da ilha d'Aix, que a aguia imperial ainda enobrece, escreveu o imperador a sua soberana carta ao regente d'Inglaterra.

Pensava refugiar-se na livre America, e veio entregar-se á sua inimiga.

A 26 de junho de 1815 escrevia Luciano Bonaparte á princeza Borghese:

«Saberás minha querida Paulina a nova desgraça do imperador que acaba d'abdicar em favor de seu filho. Vae partir para os Estados Unidos, onde todos iremos reunir-se-lhe. Está cheio de serenidade e coragem.»

Depois de Waterloo, todos julgavam poder impôr-lhe condições e Napoleão abdicava em favor do filho. A 30 de junho a Camara levantava-se aclamando Napoleão II.

Napoleão retirou para Malmaison, onde foi encontrar-se com as recordações dos dias mais felizes do seu passado; á memoria de Josephina, morta pouco antes, o unico e verdadeiro amor da sua juventude, a verdadeira dedicada e companheira da sua vida.

O commandante Planat, que nunca o abandonou n'estes crueis dias, fez ver que Napoleão não era homem de enternecimentos pueris, — «Parece afflicto mas não abatido. A sua dôr tem um grande caracter. Tem o cunho da serenidade e da resignação.»

Todos os membros do governo provisorio, alguns ainda servis na vespera, se apressaram em abandonar-o, apenas o ministro Carnot continuou a demonstrar-lhe interesse.

Desejoso d'alcançar a America, o imperador pediu que lhe puzessem á disposição duas fragatas. O ministro da marinha fel-as armar e quando se decidiu a partida de Napoleão para Rochefort o

general Beker foi encarregado de prever á segurança do illustre viajante.

Está provado que se hesitações e demoras não tivesse addiado o momento da partida o imperador teria podido escapar á coalisção formada contra elle e alcançar o largo.

Estas demoras, em parte devidas á perfidia d'alguns agentes do governo, eram tambem causadas pelas hesitações de Napoleão, ante a secreta esperança de ser chamado ao commando das tropas.

O exercito conserva-se-lhe fiel e elle sabia-o, sentia-o, mas o paiz abandonava-o, e d'ahi lhe provinha o desanimo.

A 28 de junho de 1815 o general de cavallaria Exelman enviou a Malmaison o coronel Sencier que em nome do general disse ao imperador:

«O exercito do Norte está intacto e apaixonado ainda por vós. E' facil reunir a esse nucleo de tropas tudo quanto resta de patriotismo e de exercito em França. Nada está desesperado com tão bellas tropas ao commando d'um tal chefe.»

O imperador reflectiu, depois disse: «Agradecei ao vosso general, mas dizei-lhe que não posso acceitar a sua proposta. Era preciso que a França me sustentasse mas ninguem quer.»

Os acontecimentos tomaram tal aspecto que a partida foi urgente, e Napoleão deixou Malmaison a 29 de junho, descançando em Rambouillet.

A 30 atravessando Chartres, Chatheand e Vendôme chegaram a Tours de noite sem que ninguem tivesse conhecido o viajante senão a dona d'um hotel que se calou, chorando aquelle infortunio.

RIBEIRO ARTHUR.

(Continua)

OSÉ SIMÕES D'ALMEIDA

NOVO DIRECTOR DA ACADEMIA DE BELLAS ARTES

Não podia ser melhor preenchida a vaga, que a morte de Antonio José Nunes Junior deixou, de director da Academia de Bellas Artes de Lisboa. O illustre professor José Simões d'Almeida, agora nomeado para aquelle logar, é um dos artistas mais laureados do nosso meio d'arte, como o seria de toda a parte onde se cultiva a arte de Raphael e Michel Angelo.

Basta enumerar a sua vasta bagagem artistica para reconhecermos o seu valor, sendo ella o melhor testemunho do saber e competencia do sr. José Simões d'Almeida.

O notavel professor nasceu em Figueiró dos Vinhos a 24 de abril de 1844, e muito novo veiu para Lisboa cursar a Academia de Bellas Artes, onde se matriculou por 1856.

Nos annos de 1866 a 1872 completou seus estudos em Paris e em Roma.

Em Paris foi premiado na exposição de 1878, tendo exposto a sua estatua *Poberdade*, e que hoje apresentamos aos nossos leitores como um dos seus mais primorosos trabalhos, e bem assim a estatua *Sapho*, premiada na exposição do Rio de Janeiro em 1879, e adquirida pela Companhia Fomentadora, para a offerecer ao imperador D. Pedro II.

Em 1880 tambem foi premiado na exposição de Madrid.

E' sua a estatua do monumento ao Duque da Terceira, sendo o preferido no concurso, e sua é tambem a estatua do *Anjo da Victoria*, no monumento aos Restauradores de Portugal.

Além d'estas obras citaremos o seu *D. Sebastião*, estatua em marmore, tambem premiada na exposição de Paris de 1878, e que foi adquirida depois por El-Rei D. Luiz; o *Salimbanco*, adquirida por El-Rei D. Fernando; *A Saudade*; *D. Ignez de Castro*, que figura na galeria da sr.^a Duqueza de Palmella; *Judith*, que pertence á sr.^a Condessa d'Edla; *O Orphão*, pertencente ao sr. Visconde de Condeixa; bustos do Duque d'Avila e Bolama e de Fontes Pereira de Mello, que se vêem na sala da Camara dos Pares; as estatuas de Julio Cesar Machado e de Luz Soriano, para os seus tumulos; um grande Christo crucificado, que está na capella dos Jeronymos onde se guardam os restos mortaes de Alexandre Herculano.

Para decorar o edificio do Gabinete Portuguez de Leitura do Rio de Janeiro modelou as estatuas de Vasco da Gama, Pedro Alvares Cabral, infante D. Henrique e Luiz de Camões.

E' sua a estatua de José Estevam, do monumento de Aveiro; muitos bustos e medalhões que serialongo mencionar.

De poucos artistas se pôde citar tão grande numero de obras, todas de valor, porque Simões d'Almeida é um esculptor da grande estatuarria classica.

A maioria das obras que citámos estão repro-

duzidas no OCCIDENTE, e são outros tantos documentos do valor d'este artista.

O sr. Simões d'Almeida é um antigo professor da Academia, da 2.^a cadeira de desenho e modelo vivo.

O novo director da Academia de Bellas Artes, reúne á sua alta competencia de artista consumado, qualidades de caracter respeitaveis, que são segura garantia do bom desempenho da alta commissão que lhe foi confiada.

C. A.

CLUB SIMÕES CARNEIRO

Das numerosas sociedades recreativas que Lisboa possui destaca-se distinctamente n'um primeiro plano o *Club Simões Carneiro*, não só pela sua excellente instalação e luzimento das festas que promove, mas tambem pela sua altruista missão de educador e pelas constantes obras de caridade que desde a fundação — 1 de dezembro de 1896 — vem de espalhar.

O *Club*, que usufrue a inclita protecção de Suas Magestades, está estabelecido no prédio n.º 23 da rua da Fé, e consta de magnifica sala de bilhar, casas de jogos, bufete, bibliotheca e aulas, gabinete da direcção e d'um elegante theatro. Este, construido no vasto quintal da propriedade, possui um bello palco com todo o scenario, mobiliario e adereços necessarios, larga caixa com seis camarins, arrecadações e uma espaçosa platêa, ao longo da qual correm paralelamente duas alegres galerias envidraçadas. O sobrado do theatro é moveição de forma a nivelar palco e platêa, o que sempre se faz, quando se effectuam bailes, ensaios, reuniões, etc.

Nas paredes da vistosa sala, ornamentada em estylo Luiz XV, vêem-se os retratos dos benemeritos do *Club*, entre os quaes S. M. El-Rei e o fallecido iniciador, Julio Simões Carneiro, 1.^o visconde de Cabrella.

Naquella prestante collectividade tem-se em mira juntar o util ao agradável e por isso ao passo que o socio se recrea no bilhar, n'outros jogos, em bailes e concertos, e nas recitas que lá se dão, ora desempenhadas pelo *grupo dramático do Club*, ora por outras sociedades e até por actores; pode instruir-se nas aulas de francez, inglez, litteratura portugueza e allemã, e muito brevemente nas de physica, chimica, historia natural, mathematica e escripturação commercial, que vão ser inauguradas.

Aos que desejem dedicar-se ao cultivo da sublimidade arte de Apolo, lá encontram o *grupo musical*, em cujos ensaios podem tomar parte; e para quem queira fortalecer o corpo funciona a aula de gymnastica.

Vão, porém, mais longe os serviços prestados pelo *Club Simões Carneiro* á causa da instrucção publica, pois que tambem offerece annualmente livros de estudo a muitas creanças pobres e custea a educação d'um alumno escolhido por S. M. a Rainha Senhora D. Maria Pia, o qual, graças a semelhante auxilio, já se acha cursando o 2.^o anno do Lyceu.

Por occasião dos grandes festejos, que sempre pela Paschoa, ali se realisam, os dignos cavalheiros, que tem constituído os corpos gerentes do *Club*, entenderam, o que sobre maneira muito os honra, que no meio das maiores alegrias todos se devem lembrar dos que soffrem; e, assim, após sessão solemne presidida pelo dignatario enviado por El-Rei, é fornecido fato e jantar a 14 creanças e distribuidos 70 bodos e 41 esmolos.

São, portanto, bemditos dos consocios porque lhe ministram diversões cuidadosamente elaboradas; bemditos dos pobres porque lhe mitigam a fome.

E é por tudo isto que o *Club Simões Carneiro* apesar da modestia em que se envolve, occupa um logar importante no nosso meio social, vendo augmentar de dia para dia a lista dos seus associados, e merecendo successivas homenagens da imprensa periodica, como esta que o OCCIDENTE hoje lhe presta e que tem o grande merito da espontaneidade.

PEDRO PINTO.

CANON DOYLE

O DEDO POLEGAR DO ENGENHEIRO

(Continuado do numero antecedente)

Sáia por aqui, não ha ninguem que lh'o estorve. E vendo então que eu sorrindo meneava a cabeça, cessou de contrafazer-se e deu um passo á frente contorcendo as mãos.

— Pelo amor de Deus! segredou, vá-se embora! em quanto é tempo!

Abanei a cabeça com modo resoluto, se bem que a maneira de proceder d'aquella mulher me houvesse abalado a ponto que a mim proprio me não atrevia a confessar, e declarei-lhe terminantemente a minha intenção de me deixar estar onde estava. Ia ella recommençar as suas objurgatorias, eis que oiço fechar uma porta no primeiro andar e os passos de alguém descendo a escada. Escutou por instantes, ergueu as mãos para o céu com expressão desesperada e desapareceu com a mesma pressa com que apparecera.

Os recémvidos eram o coronel Lysander Stork o um homenzinho gordo, com uma barba grisalha a despontar-lhe pelas rósicas da papeira; foi me apresentado sob o nome de Mr. Ferguson.

— E' o meu secretario e meu gerente, declarou o coronel. Mas, a proposito, quer-me parecer que tinha fechado aquella porta quando sahi? Reccio te-lo deixado exposto a uma corrente de ar.

— Pelo contrario, observei, fui eu que a abri por que tinha calor.

Vibrou-me olhar desconfiado.

— Se lhe parece, tratemos do nosso negocio, disse. Eu e Mr. Ferguson vamos acompanhá-lo a ver a machina.

— Será necessario levar o chapéu?

— Não se incomode, está de portas a dentro.

— Como assim, pois extrae a greda do proprio predio?

— Não, senhor. Nós aqui apenas a comprimimos. Mas deixemos isso por emquanto. O que desejamos, resume-se em que exami-



JOSÉ SIMÕES D'ALMEIDA

Novo director da Academia de Bellas Artes

ne a machina e nos diga se tem qualquer coisa partida ou algum desarranjo.

— Subimos juntos, abria caminho o coronel com o candeeiro na mão, o nutrido gerente e eu seguindo-lhe as piugadas. Era o proprio labyrintho aquelle velho casarão, todo elle corredores, passadissos, estreitas escadas de caracol, portinhas baixas, cujas soleiras estavam gastas pelos pés das anteiores gerações. Nem existiam tapetes nem mobilia alem da que guarnecia o rez do chão, e a caliça a soltar-se das paredes sarapintadas pela humidade de manchas verdoengas e insalubres. Tentei assumir modo indifferente, mas não logrei esquecer de todo o aviso da mulher, supposto me houvesse negado a dar-lhe ouvidos, e sem nunca perder de vista os meus companheiros.

O coronel Lysander Stork parou em frente de uma porta baixa e abriu-a. Dava acesso para um cubiculo quadrado em que nos custaria a caber todos tres Ferguson ficou da banda de fóra, e o coronel fez-me entrar consigo.

— Eis-nos na prensa hydraulica, disse, e não seria das mais commodas a nossa situação, se algum se lembrasse de a fazer funcionar. O tecto deste cubiculo é *ipso facto*, o embolo de compressão que vem contundir este pavimento metallico com uma força de varias toneladas. Existem pela banda de fora uns columnélos lateraes contendo agua, recebem a força e transmittem-na multiplicada conforme deve de saber. A machina ainda funciona, mas parece offerer uma tal qual resistencia, e tem a força perdida. Se quizer dar-se ao incommodo de a examinar e dizer-nos o que cumpre faer?...



A POBERDADE



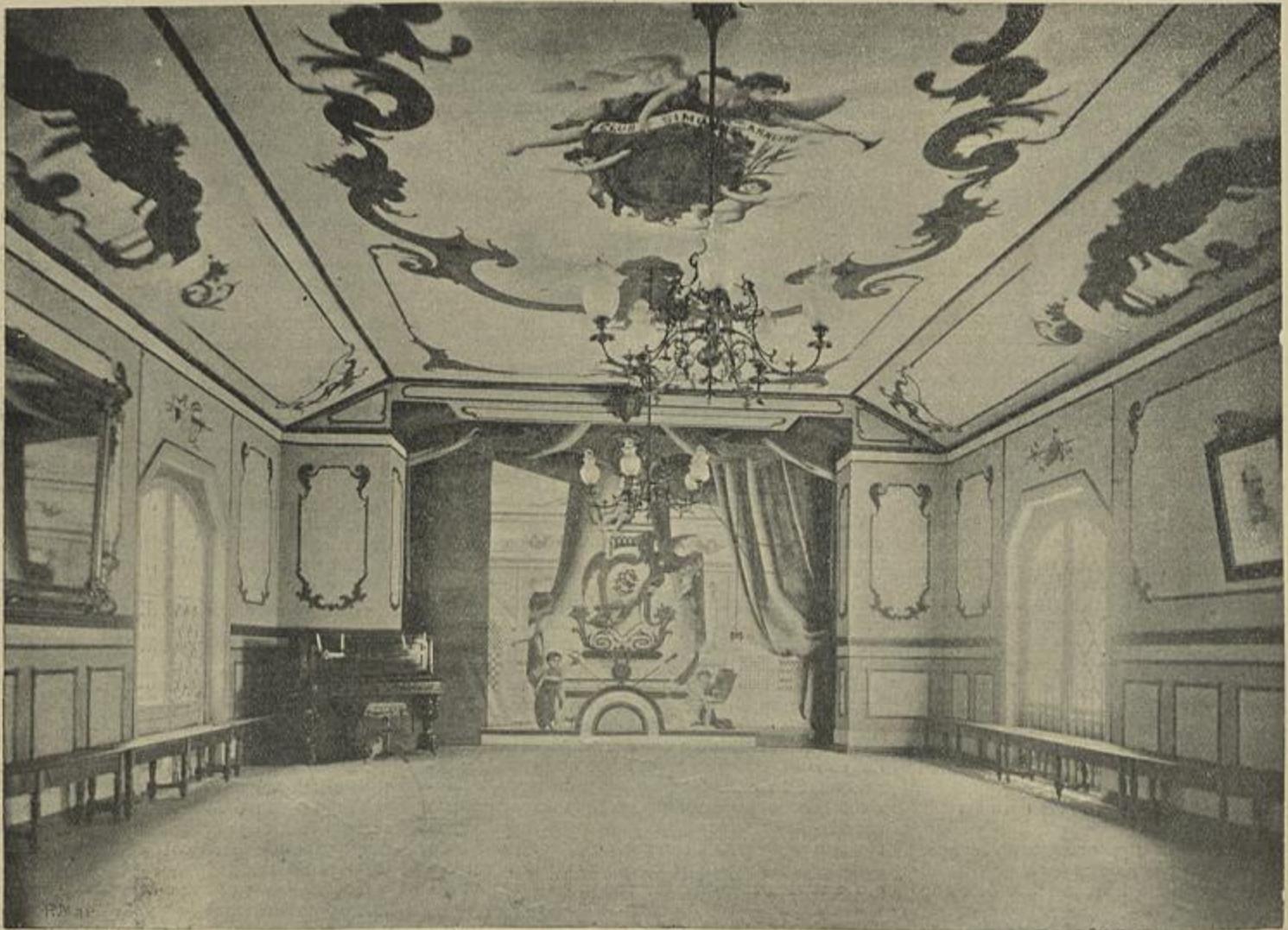
SAPHO

ESCULPTURAS DE SIMÕES D'ALMEIDA



DA ESQUERDA PARA A DIREITA — 1.º PLANO (SENTADOS): — ALBANO DA FONSECA, JOSÉ CHAGAS, JUSTINO GUEDES, FERREIRA JUNIOR E MANUEL DE FIGUEIREDO.
 2.º PLANO (DE PÉ): — PIRES FALCÃO, TORCATO SEIXAS, FRANCISCO DE SOUSA, JOÃO DE FIGUEIREDO, AUGUSTO VARELLA, EDUARDO MARTINS E J. DUARTE.
 3.º PLANO: — ARMANDO SOARES, JOSÉ AUGUSTO CARDOSO, AMILCAR DO-INSO, ARCADIO MENEZES E JULIO DE SOUSA.

CORPOS GERENTES DO CLUB «SIMÕES CARNEIRO»



CLUB «SIMÕES CARNEIRO» — SALA DE BAILE E THEATRO, DECORAÇÃO DO SR. EDUARDO REIS

Tirei-lhe das mãos o candeeiro e encetei minucioso exame. Era um maquinismo gigantesco e apto a exercer enorme pressão. Vim cá fóra, e baixe as alavancas de movimento. Verifiquei então pelo som, a existência de uma fuga, por onde sahia a agua. Descubri, tambem que a guarnição de cauchú de uma haste de embolo tinha encolhido e já não preenchia o espaço que devia obter. E ali estava, seguramente, a causa da perda de força: participei-os aos meus companheiros e escutavam-me com a maxima attenção fazendo-me varias perguntas de caracter tecnico ácerca do modo de proceder ao concerto. Muito bem explicado tudo, regressei á camara do cylindro decidido a satisfazer de novo a minha curiosidade.

Estava a meter-se pelos olhos que a tal historia da grêda era apenas mera invenção (seria um absurdo, effectivamente, utilizar um engenho de potenciação tão desproporcionada a semelhante fim). As paredes do recinto eram de madeira, notei, porém, que no pavimento, um tanque de ferro, estava coberto por uma crosta metallica. Abaixei-me e estava já a raspa-la com a unha afim de lhe verificar a naturêza, eis que oiço uma exclamação repregada, em alemão, e dou com os olhos no rosto cadaverico do coronel debruçado sobre mim.

— Que está fazendo? perguntou.

E eu, furibundo por me ter deixado cair em semelhante esparrela.

(Continúa)

M. Macedo.

A natureza e seus phenomenos

PHYSICA

PARTE III

CALORICO

CAPITULO I

O calor e seus effeitos

Para medir altas temperaturas, empregamos os pyrometros.

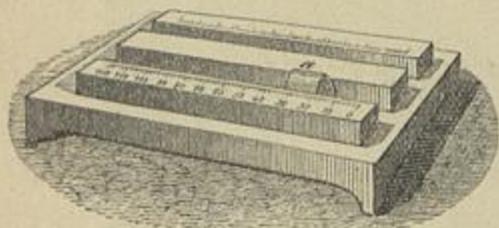


Fig. 44 — Pyrometro de Wedgwood

O pyrometro de Wedgwood funda-se na propriedade da argilla se contrahir pelo calor. Consta de uma placa de cobre onde se fixam tres barras não paralelas umas ás outras, mas de modo que a primeira esteja separada da segunda, de 6 linhas, n'um dos extremos, e de 5 linhas, no outro extremo, emquanto que a segunda esteja afastada apenas de 5 linhas n'um dos extremos, e de 4 linhas, no outro extremo. As duas barras lateraes, de comprimento igual a um pé inglez, dividem-se em 240 partes eguaes, cada uma d'ellas correspondendo a um grau do pyrometro. Tomando-se um cylindro de argilla, secco n'uma estufa, e com um diametro tal que possa penetrar, por entre as barras, até ao zero da escala, e collocando, em seguida, esse cylindro n'um forno, cuja temperatura nós desejamos avaliar, veremos que, a argilla tendo-se contrahido, mais ou menos, conforme a intensidade de calor do forno, o cylindro passará, entre as barras, além do zero da escala. Se este attingir o grau 15, como cada grau do pyrometro corresponde a 72° centigrados e o zero da escala a 580°, a temperatura do forno que desejamos avaliar, deverá ser de:

$$580 + 15 \times 72 = 1:660 \text{ graus centigrados}$$

— O modo como o calor se propaga no espaço, a distancia, chama-se calor irradiante.

Intensidade calorifica é a quantidade de calor que um corpo emana.

N'um meio homogêneo, isto é, um meio que apresenta em todos os seus pontos, igual densidade e composição, o calor propaga-se sempre em linha recta.

Qualquer direcção em que se propagam as ondas calorificas, é um raio de calor.

A reunião de raios calorificos, denomina-se feixe calorifico.

Se collocarmos varios thermometros a diversas distancias do foco calorifico veremos que a temperatura será maxima, n'aquelle que mais perto estiver d'esse foco. Portanto, a intensidade calorifica varia com uma distancia, tornando-se successivamente menor á maneira que nos afastamos da fonte do calor.

Essa intensidade será tanto maior quanto menor for a obliquidade dos raios incidindo sobre uma superficie. E' essa a razão porque o sol nos aquece mais quando os seus raios são perpendiculares á terra.

Se collocarmos varios thermometros em diferentes pontos igualmente distantes do foco calorifico, veremos que o calor se propaga em todos os sentidos, com igual intensidade.

Se fizermos a experiencia no vacuo, notaremos o mesmo facto.

— Quando um raio calorifico encontra um obstaculo, reflecte-se, de fórma a não poder vencer e soffre a refração.

Da mesma forma como no som, o angulo de reflexão de um raio calorifico é igual ao angulo que o raio incidente faz com a normal, estando estes dois angulos, sempre no mesmo plano.

Com relação á refração, observa-se um phenomeno perfeitamente identico áquelle que se produz, nos raios luminosos, reservando nós este assumpto para quando nos occuparmos d'estes.

— Os corpos que se deixam atravessar pelos raios calorificos sem os absorver, chamam-se diathermicos, em opposição a todos os outros que se denominam athermicos.

O corpo é tanto mais diathermico quanto menos espesso for. Faz excepção a esta regra, o sal gemma que deixa sempre passar o mesmo calor incidente seja qual for a espessura da camada.

ANTONIO A. OLIVEIRA MACHADO.

(Continúa)

CANÇÕES DA VIDA

POR

LUIZ CEBOLA

O retrato que publicamos é o de um novo poeta, Luiz Cebola, moço de quem muito ha a esperar e que além de ser já um laureado estudante de medicina da Escola Medica de Lisboa, onde cursa o ultimo anno, se nos apresenta agora como auctor de um primoroso livro de versos, intitulado *Canções da Vida*, ha pouco lançado no mercado.



LUIZ CEBOLA

Canções da Vida é de um lyrismo simples e encantador, reunindo, n'um voluminho de quarenta e oito paginas, diferentes especies de poesia.

D'uma technica e metrificacão irreprehensíveis, primam, no entanto, pela ideia sempre delicada que encerram. No seu trabalho não ha nephelibatismo, a ideia é sempre clara e o estylo empregado pelo auctor é em bom portuguez. Na descripção Luiz Cebola cria uma innovação no mesmo genero com que Cesario Verde se distinguiu. Consiste, a originalidade a que me refiro, em o auctor das *Canções da Vida* extrahir do que pretende reproduzir, na rithmica linguagem do verso, exclusivamente o impressionismo que caracteriza o objecto da sua descripção, dando-nos assim a mais perfeita impressão e sempre no estreito limite do sonetinho. Avalie-se pela poesia que se segue como o artista cultiva este genero.

A FEIRA

Ciganos, poeias erguidas,
quinquilharias e gado,
e barracas de comidas
abundam pelo mercado.

Pobres, em choro cantado,
pedem mostrando as feridas.
Sob o arvoredado copado,
ha varias dansas garridas.

Foguetes, a estralejar,
sobem festivos no ar...
Escalda o sol do verão!

E n'um theatro de madeira
fala um comico de feira,
arengando á multidão,

Tambem para amostra do seu sentir leia se a seguinte de caracter philosophico repassada do mais doce sentimento e de immensa belleza artistica:

O CAVADOR

Cava, cava, ó cavador,
a terra que não é tua!
Enriquece o teu senhor,
revestindo a terra nua
de sementeiras em flôr.

Todo o sangue que has perdido,
sangue rubro como a aurora,
virá n'ellas resurgido...

Quem sabe se, a esta hora,
haverá na tua casa
um pão na arca e uma brasa
na lareira triste e fria?

Mas que importa uma agonia,
uma lagrima, uma dôr,
da gente faminta e nua?!

Cava, cava, ó cavador,
a terra que não é tua!

Todos os seus versos teem unidade e identidade de forma e de ideia e ordem philosophicas que definem um espirito superior.

Ao auctor das *Canções da Vida* desejamos que prosiga n'esse caminho que, logo ao começo, nos proporcionou a leitura aprasivel do seu bello trabalho e nos desculpe esta singela mas justa homenagem.

L. A.

O MEZ METEOROLOGICO

Março 1905

Barometro: Maximo 774,^{mm} 1 em 7.

» Minimo 756,^{mm} 6 em 1.

Thermometro: Maximo 25°,7 em 29.

» Minimo 5°,4 em 2.

Durante os tres primeiros dias do mez de março, as maximas foram fracas e respectivamente eguaes a 12°,3, 12°,2 e 12°,6, subindo de 4 até 7, em que attingiu 18°,8, marcando 18°,0 em 8. De 9 até 25, temperatura proxima do normal.—A partir de 26, bruscas variações.—Em 26, a maxima foi de 16°,0 — em 27, de 18°,0 — em 28, de 20°,2 — em 29, de 25°,7, com um maximo de 9°,3 — em 30, de 24°,3 e em 31, de 22°,1.

Ventos dominantes: NW de 1 a 6 — NE de 7 a 10 — SW desde 11 até 27 e variavel até ao fim do mez.

Chuva: 40,^{mm} 6 em 15 dias.

Nebulosidade: Bom tempo 6 dias; nublado 20 dias e encoberto 5 dias.

Nevoa: Em 8.

Trovões: Em 3.

Halo da lua: Em 18 e 19.

NECROLOGIA

GUILHERME AUGUSTO DE SANTA RITA

Nasceu em Lisboa no dia 21 de Outubro de 1859 e falleceu aos 9 de Março de 1905.

Tinha o Curso Superior de Letras, aprovado sempre com distincção, e dos 16 aos 20 annos foi empregado de carteira na casa commercial de Oliveira Soares.

Entrou aos vinte annos, em 1879, como amanuense no Tribunal de Contas, por meio de concurso, sendo classificado em primeiro lugar.

Em 1884 fez concurso para o lugar de 2.º official no Ministerio das Obras Publicas, obtendo tambem a primeira classificacão, e sendo nomeado em 1885.

Casou, em 1886, com D. Palmyra Cau da Costa,

filha do conselheiro sr. Cau da Costa, par do reino e presidente do Supremo Tribunal Administrativo.

Aos 24 annos, então ainda no Tribunal de Contas, publicou o seu primeiro livro de versos, intitulado *Uacillantes*. Fez varias conferencias publicas no Atheneu Commercial de Lisboa, entregando-se em especial á defesa dos interesses dos empregados do commercio.

Em 1887 escreveu o drama — *O Bezerro d'ouro* — que pretendeu fazer representar no Theatro Normal, mas que não conseguiu por circunstancias que não vem para o caso, sendo mais tarde, representado no Theatro do Principe Real, o que deu logar a uma irritante questão que se debateu na imprensa e de que muitos se hão de lembrar.

Escreveu tambem o *Estigma*, drama em verso, que dedicou a S. Magestade a Rainha a Senhora D. Amelia, e que offereceu á Assistencia Nacional aos Tuberculosos.

Dedicou-se tambem muito a estudos economicos, publicando, entre outros, um livro sobre a *Habitacão do Operario* e outro sobre o *Socorro Mutuo*.

Em 1895, escreveu o *Poema d'um morto*, prefaciado por Gomes Leal.

Foi eleito deputado pelo circulo de Torres Novas em 1900 e pelo de Santarem em 1902.

No parlamento foi sempre ouvido com interesse tratando de varias questões, discutiu o orçamento, etc. acompanhando sempre com lealdade o partido regenerador e tendo pelo seu chefe, o sr. conselheiro Hintze Ribeiro, a mais entusiastica admiracão.

Em Março de 1903, adoeceu gravemente, retirando á sua propriedade do Estoril, construida por elle com tanto amor e que lhe mereceu tantos cuidados. Ahi passou anno e meio, e como o seu estado de saude continuasse sempre melindroso, mudou-se para o Lumiar, onde apesar de tão doente, escreveu um drama historico *Sagres e Tanger*, que estava quasi concluido, quando a doenca se aggravou, detendo-o no leito, onde, passados cinco mezes, falleceu.

D. JUAN VALERA

O distincto litterato e diplomata hespanhol, que falleceu em Madrid, no dia 19 do corrente, foi um dos mais notaveis jornalistas, occupando logar proeminente na politica e na imprensa do visinho reino.

O seu nome prestigioso era conhecido em todos os centros diplomaticos da Europa, pois que D. Juan Valera occupara numerosos postos na diplomacia, tendo ha annos servido como ministro de Hespanha em Lisboa e sendo a sua ultima representacão em Berlim.

D. Juan Valera y Alcalá Galiano, nasceu em Cabra, provincia de Cordova, em 1827. Era filho do contra-almirante Valera y Soto e irmão da duqueza de Malakoff.

Aos 17 annos era redactor do *Museo de las Familias*, entrando aos 25 annos como deputado no parlamento hespanhol.

Em 1859 foi chamado ao poder, occupando o cargo de ministro da agricultura e do commercio, d'onde sahio para desempenhar o logar de chefe superior da administracão civil.

Foi tambem ministro por duas vezes da instrucção publica, depois da revolução de 1868, e em 1882 nomeado conselheiro d'Estado.

Leal de D. Isabel II, acompanhou-a no desterro e gastou cerca de um milhão de pesetas em defesa da causa Affonsina, sustentando os jornaes *L'Argus*, publicado em Portugal, e *Diario del Pueblo*, publicado em Madrid.

O seu trabalho foi incessante e os annos surprehendiam-no trabalhando como se fosse ainda um verdadeiro rapaz.

Os principaes romances que fizeram a sua reputacão como litterato foram:

Pepita Jimenez, a sua melhor obra; *Las ilusiones do dr. Faustino*; *El commendador de Mendoza*; *Passar-se de isto*; *Dona Luz*; *Contos, dialogos e phantasias*; *Pagaro verde*; *Parsondes*; *Asclipgenia*; *El Bermelino prehistorico*, etc.; *La Buena Jama*; *Genio e Figura*; *De varias colores*; *Morsamor*.

D. Juan Valera tinha tambem poesias que eram apreciadissimas. Na cultura das bellas letras representava a tradiçã classica e idialista.

Militou no partido de Canovas del Castillo, de quem foi sempre amigo pessoal. Foi partidario da candidatura do duque de Genova a rei de Hespanha e nomeado senador electivo no reinado de D. Amadeu. Deixara a politica activa para se consagrar á litteratura, collaborando em muitos periodicos hespanhoes, mas havia já seis annos que cegara.

Apesar d'isso tinha ainda em preparacão um romance, um livro ácerca da *Educação humana* e um discurso para a sua recepçã solemne na *Academia de Sciencias Moraes e Politicas*.

Foi uma grande perda para a litteratura hespanhola, pois que D. Juan Valera era uma individualidade notabilissima que dava com os seus escriptos verdadeira honra á prosa e á poesia castelhana.

DOMINGOS CAZELLAS BRANCO

Bem doloroso é o dever que se nos impõe de traçar estas linhas para acompanhar o retrato de um artista, que foi um amigo sincero e ao mesmo tempo discipulo dedicado, que aos dezoito annos de idade entrou para o nosso atelier para aprender a gravar em madeira, e nos acompanhou quasi vinte annos, formando parte do quadro de gravadores do OCCIDENTE.

Domingos Cazellas Branco, filho de João Branco, nm honrado operario da Cordoaria Nacional, hoje reformado, nasceu em Lisboa a 10 de março de 1855 e em 1873 entrou para o nosso atelier de gravura, tendo antes frequentado a Academia de Bellas Artes de Lisboa, onde não concluiu o curso, porque a necessidade de ganhar a vida, o obrigou a procurar trabalho onde realisa-se mais breves interesses.

Tinha a grande qualidade do amor ao trabalho e por isso venceu em pouco tempo o que muitos levam quasi a existencia para alcançar.

Em nosso atelier foi completando sua educação artistica e ao mesmo tempo auferindo os meios de vida. Ninguem mais dedicado do que elle, nas mais exigentes e custosas tarefas, e em muitos trabalhos se distinguiu, principalmente na gravura de paizagem, que elle via e sentia melhor, como no OCCIDENTE se pôde vêr.

A gravura mechanica veio fazer uma revolução na gravura mauual, não pela sua belleza mas pela facilidade e economia da sua producção.

Isto provocou uma crise violenta para os artistas que se dedicavam a gravura em madeira tanto no nosso paiz como nos centros mais adeantados da arte, obrigando muiros gravadores a procurar outro emprego, por falta de trabalho.

Domingos Cazellas, porém, não desanimou; o seu espirito emprehendedor e força de vontade soube triumphar do contratempo.

Dedicou-se então á gravura mechanica, ou photogravura, e assim entrou na officina do sr. Thomaz Bordallo Pinheiro, onde conseguiu distinguir-se como photogravador, tendo a seu cargo os trabalhos mais importantes d'aquella casa.

Artista modesto, estimavel por suas excellentes qualidades de character, morre trabalhando, pois que ainda na vespera de seu passamento esteve na officina até ás 6 horas da tarde.

Morreu no dia 22 do corrente, de uma congestão cerebral, resultante de complicacões de doenças de que ha tempos vinha soffrendo.

Aqui fica seu retrato e simples notas biographicas, n'esta revista em que elle collaborou com os seus melhores trabalhos, e em nosso coração fica a saudade de um discipulo e amigo querido.

C. A.



Recebemos e agradecemos:

Os caracteres humanos, por Paulo Montegazza. — Gentilmente offerecidos pelo nosso querido amigo e prestimoso gerente da casa Tavares Cardoso, o sr. Gomes de Carvalho, recebemos os seguintes livros:

Caracteres humanos, de que hoje nos occupamos; *Conto do Natal*, por Affonso Lopes Vieira; *Alguma coisa sobre o theatro portuguez*, de Romualdo de Figueiredo; *Caminho de amor*, por João de Barros; *Guerra russo-japoneza*, historiadã por Eduardo de Noronha; *O drama-sutra*, (theologia indú), trad. de Eduardo de Noronha; *O extermínio d'um povo*, romance de costumes transvaalianos, por Eduardo de Noronha; *Rei Lear*, adaptacão da tragedia de Shakespeare á scena portugueza, por Julio Dantas; *Recordando*, contos de D. Thomaz de Mello; *Os Claudios*, de Eckstein, trad. de Annibal d'Azevedo; *Opalas*, versos de Fontoure Xavier; *Escandalol*, scenas da vida de provincia, por Antonio d'Albuquerque; *Quem são os apostatas*, pelo ex-padre da igreja romana Manuel Pinto dos Santos.

De todos os livros faremos uma pequena apreciacão litteraria á medida que os fórmos lendo, e logo que o OCCIDENTE, que lucha com grande falta de espaço, as possa inserir; começamos hoje pel'*Os Caracteres humanos* que não ha muitas horas acabámos de lêr.

O sr. Joaquim Leitão, litterato de nome já feito, apresenta-nos agora n'uma linguagem clara e concisa a traducção de mais um bello trabalho de Montegazza, celebrado auctor de estudos psychologicos de grande valia como *Problema do casamento*, *Amor dos homens*, *Fisiologia da mulher*, *Higiene do amor*, além de outros muitos cujos titulos nos não occorrem.

E' um magnifico e deleitoso estudo de *Caracteres humanos* que Paulo Montegazza nos faz conhecer e que o sr. Joaquim Leitão traduziu com carinho, proporcionando ao leitor a curiosidade de passar pelos olhos este livro interessantissimo sob todos os pontos de vista, de mais que a leitura não enfastia, bem pelo contrario instrue.

Quem não conheca bem as pessoas com quem trava relações tem alli um bom guia para as conhecer bem.

Lá se encontra a psychologia do *modesto*, do *vaidoso*, do *fanfarrão*, do *avaro*, do *apathico*, etc., caracteres estes que se estão vendo a cada instante.

Não queremos ser mais indiscretos do que já fomos, para não tirarmos ao leitor o prazer instructivo que a leitura d'este livro lhe pôde dar.

Reiteramos aqui o nosso agradecimento a Gomes de Carvalho pela offerta do exemplar dos *Caracteres humanos*.

Alguma coisa sobre o theatro portuguez, de Romualdo de Figueiredo. — Por envio de Gomes de Carvalho, o actual gerente da Livraria Tavares Cardoso, acabamos de receber uma esclarecida critica sobre os males de que soffre o theatro portuguez, devido á penna de Romualdo de Figueiredo, que com uma linguagem viva e incisiva nos diz umas verdades amargas e que não devem agradar aos que, mais ou menos, estiverem ligados ao theatro nacional.

N'esse folheto, *Alguma coisa sobre o theatro portuguez*, o sr. Romualdo de Figueiredo aconselha a adaptacão do theatro livre, indicando-nos os nomes dos escriptores estrangeiros Ibsen, Gorki, Hauptmann, Sudermann e os portuguezes Ernesto da Gilez, fallecido ha pouco e Manuel Lorangeira, o festejado auctor do *Amanhan*.

Agradecemos a gentileza da offerta do exemplar que nos enviou Gomes de Carvalho, como director da casa Tavares Cardoso.

H. M. J.

Revista de Administracão Militar — Está publicado o n.º 33, d'esta revista collaborada pelos principaes escriptores militares portuguezes, sob a direcção do sr. Alfredo d'Antas Lopes de Macedo.

Gazeta dos Lavradores — Publicou-se o n.º 32 com o seguinte summario: *O tempo* — *Um instituto internacional de agricultura* — *Serviços agricolas officiaes* — *Exposições e festas agricolas annunciadas* — *A exportacão das nossas cortiças em 1904* — *A agricultura na antiga Roma* — *Meio de reconhecer a coloraçã artificial dos vinhos*, etc.

Esta revista publicada sob a direcção do sr. José Ernesto Dias da Silva, é pelos trabalhos de ensinamento que encerra, uma das mais uteis á agricultura em Portugal.

O Martyr da Inquisição Portugueza. Antonio José da Siva — (*O Judeu*), pelo dr. Theophilo Braga. Lisboa 1904. — Pela Associação do Registo Civil, essa sentinella avançada das idéas liberaes contra o ultramontanismo que procura a todo o momento afirmar os seus principios tão nefastos em todos os tempos e tão contrapostos á doce doutrina de Jesus e aos proprios dogmas do Christianismo, acaba de ser publicado um folheto de 32 paginas, com o fim de propagar os serviços prestados ao theatro portuguez pelo celebre dramaturgo, cujo centenário se ha de commemorar a 8 do proximo mez de maio.

Antonio José da Silva (*o Judeu*) foi o mais illustre martyr da Inquisição Portugueza, e não foi elle na sua familia a unica victima de tão terrivel e barbara instituiçã.

Sua mulher, um filho de anno e meio e outro que nasceu no carcere, e até sua pobre mãe, uma velhinha de 61 annos, foram atroz e infamemente perseguidos apodrecendo nas masmorras inquisitoriaes.

São cousas que vão longe mas que devem recordar-se a todo o momento para prevenir as consciências fracas contra as hypocritas investidas dos que especulam com a religião de Christo.

Ao paiz.—O commercio da Villa do Dondo (Angola). Lisboa 1904. —E' um bem fundamentado protesto contra a emigração forçada da Provincia de Angola para as ilhas de S. Thomé e Príncipe, roubando os serviços á agricultura da provincia, factos consentidos e até protegidos pelas auctoridades.

Este assumpto demasiado conhecido por haver sido em tempo tratado por uma parte da imprensa periodica de Lisboa, determinou a prisão de dois commerciantes bastante considerados os srs. Antonio Perez e José de Macedo, o que foi qualificado por uma ar-



GUILHERME AUGUSTO SANTA RITA



D. JUAN VALERO

bitrariiedade do sr. Custodio Borja, então governador geral da provincia.

Para quando os nossos filhos tiverem 18 annos. Traducção do sr. dr. Virgilio Baptista —E' uma divulgação util de um interessante trabalho do professor Alfred Fournier, que interessa tornar conhecido da mocidade por tratar da prophylaxia de doenças que se adquirem nas idades em que ainda falta a experiencia do mundo para as evitar.

A edição é da Imprensa Libanio da Silva; e como todos os trabalhos d'ali sahidos recommenda-se pela nitidez e perfeição da sua execução typographica.

Collecção theatral. Esta bibliotheca acaba de publicar o seu 2.º numero, contendo *Um engano* (monologo); *Bin á excursion* (cançoneta comica) E' uma publicação que deve ter muita procura

pelo amadores dramaticos a quem especialmente os seus trabalhos são consagrados.

Historia das tintas em geral — Considerações preliminares — Escripura ideographica, alphabética e outras — Breve noticia das tintas de escrever.

E' uma interessante monographia do sr. J. A. Bentes em que se dá uma desenvolvida noticia do *Papyrus*, pergaminho, papeis etc., bem como das tintas e artigos de escripta que convem conhecer aos estudiosos.

O Congresso de Roma. — Conferencia realisada pelo delegado portuguez ao congresso de livre pensamento, sr. dr. Magalhães Lima. — Lisboa, 1904. A forma como este trabalho está organizado constitue um bom elemento de estudo, no qual se passa em revista toda a historia das sociedades secretas na grande lucta para afirmar esse grande ideal de liberdade e de justiça, e se fazem incontestaveis afirmações do direito que assiste aos cidadãos de poderem livremente expender as suas doutrinas de emancipação contra a educação religiosa seja de que natureza fór que se allie ás manifestações civis d'uma nação.



DOMINGOS CAZELLAS BRANCO

ANTONIO DO COUTO — ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900



Magnifico sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras



R. do Alecrim, 411, 4.º (à P. Luiz de Camões) — LISBOA

LE DICTIONNAIRE DES SIX LANGUES

Médaille à l'Exposition Universelle de Paris de 1900



Français, Allemand, Anglais, Espagnol, Italien et Portugais

Prix 25 francs ou 1 £

Editeur — Empresa do Occidente — Lisbonne — Portugal

-FABRICA DE MOVEIS NO PORTO

DE REIS & FONSECA

Com officinas e deposito em Lisboa

Completo sortimento de mobílias e estofos em todos os generos e estylos

PREÇOS SEM COMPETENCIA

LARGO DO CALHARIZ, 26 E 27 — LISBOA

PASTOR, GOUVEIA & C.ª

Agência geral no Brazil do

Correio da Europa

Agentes das principaes casas editoras de Lisboa e Porto.

161, Rua dos Ourives — RIO DE JANEIRO

Santos Camiseiro

24, PRAÇA DE D. PEDRO, 25 — ROCIO

— LISBOA —

Sempre bom sortido de camisas, camisolas, meias, peugas, gravatas, punhos, collarinhos e muitos outros artigos de phantasia, como botões para collarinhos e punhos, carteiras, malas para viagem e lençaria.

ESPECIALIDADE EM CAMISAS PARA CASACA
(o que ha de mais moderno)

Executa-se toda a rouparia por medida

Atelier Photo-Chími-Graphico
P. MARINHO & C.ª

Calçada da Gloria, 5 — LISBOA

N.º telephonico, 829

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia, chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. — Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.

ATELIER DE PHOTOGRAPHIA

DE JOÃO F. CAMACHO

Trabalhos todos os dias, das 9 da manhã ás 4 da tarde, sem pretexto de luz. — Cartes de visite, cartes album, boudoir, etc. Retratos de familia e ampliações. Grande collecção de vistas da Madeira, Teneriffe, Lisboa, Alcobaça, Cintra, Belem e Batalha.

O nosso novo atelier presta-se admiravelmente a todos os efeitos de luz, e permite fazer o retrato em dois ou tres segundos.

116, Rua Nova do Almada, 118 — LISBOA

Almanach illustrado do «Occidente»

PARA 1906

Sahiu a publico este magnifico annuario, e encontra-se á venda em todas as livrarias. A capa é um lindo chromo, reproduzindo um typo de mulher do Minho, de um bello efeito, aguarella de José Leite.

Preço 200 réis e 220 pelo correio

Recebem-se encomendas na

Empresa do OCCIDENTE — Lisboa